



L'armée du Portugal ou o desconcerto de um exército: preparação e concretização de uma expedição a Portugal

Cristina Clímaco

A campanha que tão auspiciosamente se inicia no Verão de 1810 com a tomada de Ciudad Rodrigo e de Almeida, que caem respectivamente a 10 de Julho e 28 de Agosto de 1810, perderá o seu brilhantismo à medida que o exército se embrenha em Portugal. As dificuldades de penetrar e subsistir num país que se preparou para receber o invasor teriam, eventualmente, sido vencidas pelas tropas napoleónicas se a dinâmica de guerra estivesse ainda no seu auge. A marcha até Lisboa torna mais visíveis os problemas e a insatisfação que já se faziam sentir em Espanha no seio do exército francês, e que começavam a emperrar a máquina de guerra na Península, decorrentes do atolar da guerra peninsular e da lassitude relativamente a uma situação permanente de guerra que vinha desde a República. Em 1810, o cansaço da guerra começava a fazer-se sentir e a motivação da luta tinha evoluído: à glória da Nação os generais do Império acabam por sobrepor a pessoal¹. O desabafo do general Marchand, anterior à 3ª invasão, expressa claramente o sentimento dos franceses, e em particular, dos soldados, em relação à Guerra Peninsular: *Não há um único francês que, do fundo do coração, não quisesse acabar com ela. Pela minha parte, parece-me que se tivesse na mão uma mecha para a fazer desaparecer de repente, ela não existiria nem mais um minuto*². Assim, importa identificar os problemas já existentes em Espanha e que em Portugal, dadas as condições particulares da expedição, se agudizarão quando o exército se encontrará frente às Linhas de Torres Vedras.

1 - A Preparação da expedição

A ideia de uma nova expedição a Portugal começa a desenhar-se logo em Janeiro de 1810. Nesse sentido, Napoleão solicita a Pamplona e aos demais oficiais portugueses de alta patente presentes em Paris, assim como aos generais Dulauloy e Laborde informações sobre as estradas de Zamora ao Porto, de Salamanca a Almeida, de Alcântara a Lisboa, e sobre as zonas compreendidas nos triângulos Madrid,

¹ Christian Schneider, in introdução a Béchet de Léocour, *Souvenirs*, Paris, Teissèdre, 1999, p. 28. Os próprios memorialistas referem a transformação ocorrida, nomeadamente Guingret: *O espírito nacional tinha desaparecido dos nossos exércitos, tanto no interior como no exterior de França, a egoísta ambição tinha substituído o sentimento patriótico*). *Relation historique et militaire de la campagne de Portugal*, Limoges, chez Bargeas, 1817, p 184, e Lagarde: *Emerge de todas as partes uma fúria de pilhagem, uma raiva de destruição e de cupidez que devasta os recursos, contribui a levantar os povos e desmoraliza completamente o exército, onde o amor do dinheiro se sobrepõe ao amor pela glória*. *Correspondência para Savary*, 5 de Agosto de 1810, *La Mission de Lagarde, policier de l'Empereur, pendant la Guerre d'Espagne (1809-1811)*, Paris, Publisud, 1991, carta de p. 275.

² AN 275AP/3, carta de Marchand para a esposa, de 2 de Junho de 1809.

Alcântara, Salamanca e Salamanca, Porto, Lisboa³. A diversidade dos itinerários parece indicar que ainda não estava determinada a zona pela qual se faria a penetração em Portugal. Contudo, em Fevereiro de 1810 antevê-se já a iminência da nova campanha pela disposição das tropas no terreno, contrária aos interesses do rei de Espanha, que Napoleão justifica pela necessidade de proteger as fronteiras e reconquistar Portugal⁴. A nova campanha começava assim a concretizar-se e, antes mesmo do início da expedição, Portugal era já na mente de Napoleão um país conquistado como ressalta da correspondência para o rei da Holanda⁵.

O decreto de 17 de Abril de 1810 cria o exército de Portugal, composto pelos 2º, 6º e 8º corpos, para o comando do qual Napoleão escolhe um dos mais antigos e prestigiados generais franceses, o marechal Masséna, duque de Rivoli e Príncipe d'Essling. As instruções enviadas a 27 de Maio são as de empregar o Verão na tomada de Ciudad Rodrigo e Almeida, após a conquista das quais considera que o exército está em condições de marchar sobre Portugal onde *é necessário avançar metodicamente, e não por expedição Assim o Príncipe d'Essling (...) preparar-se-á para marchar metodicamente em Portugal, onde só quero entrar em Setembro, depois dos grandes calores e sobretudo depois das colheitas (...)*⁶. Instruções confirmadas a 29 de Julho, logo depois da tomada de Ciudad Rodrigo em ofício de Berthier, major general do exército de Espanha, para Masséna: *O imperador pensa que a praça de Almeida poderá ser tomada nos fins de Agosto, e que no início de Setembro estará em condições de avançar até Lisboa*⁷. E a 19 de Setembro, numa data que o exército já tinha entrado em Portugal, reitera ainda, que o objectivo da campanha é de atacar e expulsar os ingleses⁸.

Contudo, a situação em que Masséna encontra o exército quando chega a Valladolid, em 10 de Maio, pouco se assemelha à apresentada pelo Imperador, e os meios humanos, logísticos e financeiros prometidos não saíram em muitos casos do papel. De modo premonitório, Denis de Lagarde, o intendente-geral da polícia de 1807-1808, que acompanha o exército com a missão de retomar funções depois da entrada em Lisboa, escreve a 14 de Agosto que *o desentendimento entre os chefes, a ausência de uma severa disciplina e a desordem sobretudo em matéria de subsistências, poderão constituir dificuldades inultrapassáveis quando estivermos longe*⁹. O que não deixou de se verificar.

A “desordem” das subsistências e a falta de meios de transporte

³ Ofício para o general Bertrand, ajudante de campo do imperador, de 24 de Janeiro de 1810. *Correspondance de Napoléon 1^{er} publiée par ordre de l'empereur Napoléon III*, Paris, imprimerie Impériale, 1867, t. XX, pp. 140-141.

⁴ *Informe o general Suchet que é possível que os meus interesses e os da França não estejam de acordo com os dos ministros de Madrid. (...) Ordene ao duque de Abrantes que, em caso de necessidade, socorra o duque de Elchingen, mais que não se desloque para os lados de Madrid, dado que a necessidade de guardar as minhas fronteiras e reconquistar Portugal me dá um interesse diferente daquele que podem ter os ministros espanhóis.* Ofício para Berthier, major-general, de 21 de Fevereiro de 1810, *Idem*, pp. 234-235.

⁵ Em carta de 21 de Março de 1810 o irmão Louis, rei da Holanda, Napoleão dissertando sobre uma eventual paz com a Inglaterra e a consequente partilha da Europa, coloca Portugal entre os países conquistados pela França. *Idem*, pp. 275-276.

⁶ Ofício de Napoleão para Berthier, de 27 de Maio de 1810. *Idem*, pp. 385.

⁷ Ofício de Berthier para Masséna, de 29 de Julho de 1810. *Idem*, pp. 552-553.

⁸ Ofício de Berthier para Masséna, de 19 de Setembro de 1810. AN, IV AF 1626*.

⁹ Correspondência para Savary, 14 de Agosto de 1810. *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. 286.

A falta de subsistências, que tanto se fará sentir em Portugal, era já uma realidade em Espanha, nas zonas próximas da fronteira. O cerco de Ciudad Rodrigo é feito por um 6º corpo a meia ração. Assim, em 5 de Agosto, Lagarde que está em Salamanca, relata que as subsistências estão praticamente esgotadas, sendo necessário ir buscá-las a Burgos, Ávila e Segóvia¹⁰. A situação agudiza-se quando o quartel-general do exército de Portugal é transferido para Ciudad Rodrigo: *não encontramos aqui nada nem para os homens nem para os animais. Os primeiros vivem do que é enviado de Salamanca; os outros de grãos que cada um vai cortar nos campos a 2 ou 3 léguas da estrada. Não há qualquer distribuição de forragens*¹¹.

A entrada em Portugal é retardada pelos obstáculos encontrados na preparação da expedição, resultantes da falta de tropas para assegurar as posições na retaguarda e as comunicações com Salamanca e Valladolid, da insuficiência de artilharia, de munições para a infantaria e sobretudo de subsistências e de transportes¹², tanto mais necessárias que as informações que chegam de Portugal anunciam que o exército não poderá contar com os recursos do país. A entrada em Portugal, prevista inicialmente para 10 de Setembro, é retardada alguns dias devido à dificuldade em reunir as subsistências e à sua distribuição pelos corpos; contratempo que se encontra ultrapassado a 16 de Setembro, data em que se inicia a campanha.

Masséna tinha passado o Verão a reunir subsistências¹³ visando organizar uma reserva para 4 a 6 semanas¹⁴. Porém, a empresa não se apresentava fácil, devido aos obstáculos e à má-vontade manifestada pelos governadores militares¹⁵, sobretudo pelos generais Dorsenne e Kellermann¹⁶. Afirmará Lambert, o intendente geral da Administração da Guerra, a este respeito num estilo muito circunspecto mas de grande clareza: *todas as províncias estão sob uma influência que paralisa incessantemente as minhas disposições*¹⁷. É o resultado da “febre de independência” dos generais, para utilizar uma expressão de Koch, que a perspicácia de Lagarde já tinha denunciado como uma das condicionantes do sucesso francês em Espanha: *os governadores só fazem o que querem e os comandantes das praças imitam-nos*¹⁸. Nestas condições, as subsistências para o exército de Portugal serão drenadas a partir de um vasto território que se estenderá até Vitória, e armazenadas principalmente em Benavente, Toro e Zamora, sendo depois encaminhadas para Ciudad Rodrigo, onde se procede à sua distribuição pelos corpos. Contudo, o entrave oposto pelos

¹⁰ *Idem*, p. 274.

¹¹ *Idem*, p. 280.

¹² Análise de Berthier para Napoleão, de 15 de Setembro de 1810, dos ofícios de Masséna datados de 1 e 2 de Setembro. AN, IV AF 1626*.

¹³ A recolha das subsistências para o exército de Portugal estende-se até Vitória, apenas uma pequena parte é fabricada nos armazéns do exército de Portugal.

¹⁴ Correspondência para Savary, 9 de Agosto. *La Mission de Lagarde ... op. cit.*, p. 288,

¹⁵ *Para atingir o objectivo fiz todos os sacrifícios que exigiam tão grandes interesses, sobretudo de amor-próprio, relativamente a autoridades impertinentes e mal-intencionadas.* Relatório de Lambert para Masséna, de 10 de Setembro de 1810. AN, IV AF 1626*.

¹⁶ Que Koch explica pela « febre » de independência que atinge os generais, a quem foi confiada a administração dos governos militares, *Mémoires de Masséna d'après les documents qu'il a laissés et sur ceux du dépôt de la Guerre et du Dépôt des Fortifications par le général Koch*, Paris, Paulinet Lechevalier, 1850, vol. VII, p. 122. Os governos militares dependem directamente de Paris, pelo que gozam de uma grande liberdade proporcionada pelo distanciamento geográfico e pela falta de controlo.

¹⁷ Relatório de Lambert para Masséna, de 15 de Setembro de 1810. AN, IV AF 1626*.

¹⁸ Correspondência para Savary, 25 de Julho de 1810. *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. 266. Masséna é obrigado a repreender os governadores que se mostram menos colaboradores, mas sem sortir grande efeito. Relatório de Lambert para Masséna, de 10 de Setembro de 1810, AN, IV AF 1626*

governadores militares não deve esconder o estado em que se encontravam as regiões e a resistência das populações locais às perquisições de todos os tipos que sobre elas se abatiam, como bem o compreendeu Lagarde: “A região, frequentemente atravessada pelos exércitos, quer franceses quer espanhóis, está meia deserta junto às estradas (...). Uma parte considerável dos trigos foi cortada antes de amadurecida para sustentar os cavalos e os burros do exército. Os camponeses sabendo que as requisições gratuitas lhe vão retirar os grãos, não se dão ao trabalho de os apanhar, deixando-os apodrecer na terra¹⁹.”

Também a falta de coordenação entre os vários serviços, a morosidade das comunicações e a distância a que se encontra o exército de Portugal provocam atrasos na organização do aprovisionamento e dificultam a gestão dos recursos, de que é exemplo o pedido efectuado por Lambert ao Ministro da Administração da Guerra para disponibilizar 300 mil rações de biscoito que abalorem em Bayonne, pedido deferido em 27 de Junho por Napoleão²⁰, mas que nas vésperas da partida ainda não tinham chegado ao quartel-general.

Os dias 14 e 15 de Setembro passam-se na distribuição das subsistências pelos corpos²¹. Estes, para além da reserva para 16 dias distribuída pela Administração, dispõem também de uma reserva para 4 dias, resultante dos trigos ceifados pelos soldados nas searas dos arredores de Ciudad Rodrigo²². Segundo Lambert, uma distribuição racional dos géneros propiciaria um abastecimento para 20 dias²³. A carne é propiciada pelo gado bovino e ovino que as tropas fazem seguir no seu encalço, e conta-se com os animais que seriam encontrados nas povoações a atravessar²⁴. Sal e aguardente completam a reserva de víveres. Na mochila, o soldado transporta ainda seis rações de biscoito, dez a doze onças de arroz, um pouco de sal e alguma aguardente²⁵. Porém, o peso das provisões e porque pensa encontrar subsistências nas regiões a atravessar, levam-no a comer ou a deitar fora parte dessa reserva²⁶. Em complemento das disposições tomadas pelo intendente-geral, uma reserva de biscoito, arroz, aguardente, medicamentos, material para os hospitais e calçado segue o quartel-general²⁷.

Mas a dificuldade em reunir as subsistências não se prende apenas com o estado de esgotamento em que se encontra a região e da distância a que é preciso ir buscá-las. A falta de transportes condiciona de igual modo a preparação da expedição e o seu desenrolar. Escreve Lagarde,: *envia-se-lhe daqui* [de

¹⁹ Correspondência para Savary, 14 de Agosto de 1810. *La Mission de Lagarde...op. cit.*, p. 281.

²⁰ *Correspondance inédite de Napoléon I^{er} conservée aux Archives de la Guerre*, t. III, publiée par Ernest Picard et Louis Tuetey, Paris, Henri Charles-Lavauzelle, 1913, p. 611.

²¹ As subsistências são distribuídas pela Administração em Ciudad Rodrigo. O transporte até aos acantonamentos é da responsabilidade dos corpos, mas a falta de carros dificulta a sua recolha por parte destes, pelo que se o exército francês entra em Portugal sem uma parte das subsistências.

²² Para fazer face à insuficiência de subsistências, Masséna tinha distribuído foices aos soldados para que procedessem às ceifas, mas que provocam grandes desperdícios. Correspondência para Savary, 14 de Agosto de 1810. *La Mission de Lagarde...op. cit.*, p. 281.

²³ Relatório do Intendente-Geral Lambert para Masséna s/d [vésperas do início da marcha]. AN, IV AF 1626*.

²⁴ Para além do gado pertencente aos corpos, a Administração faz seguir no seu encalço 400 bois e 400 ovelhas.

²⁵ Relatórios do Intendente-Geral Lambert para Masséna, s/d [vésperas do início da marcha] e de 10 de Setembro. AN, IV AF 1626*.

²⁶ Relatório de Lambert para Masséna, de 10 de Setembro de 1810. AN, IV AF 1626*.

²⁷ *Relation d'un officier français*, in Christovão Ayres de Magalhães, *História orgânica e política do exército português*, t. XI (provas), Coimbra, Imp. da Universidade, 1902-1907, p. 44.

²⁷ Foram distribuídos pelos corpos à partida de Almeida 30 mil pares de sapatos e havia uma reserva de 2 mil pares.

Valladolid ao exército de Portugal] *as subsistências que reclama a grandes gritos. Há aqui reunidas para mais de um mês. Mas há neste exército o hábito de guardar as juntas de bois do transporte para as comerem e as parselhas de mulas para as venderem*²⁸. O progressivo cansaço dos animais, resultante da fadiga e da escassez das forragens, e a insuficiência de viaturas, nomeadamente para o transporte da artilharia agudizam a situação do exército de Portugal. Os parques formados pelo Intendente desaparecem à medida que as viaturas são enviadas em serviço aos corpos, que não as devolvem²⁹.

Sabe-se de antemão que as viaturas terão grandes dificuldades em circular nas estradas portuguesas, pelo que o intendente-geral procura reforçar o número de animais de carga. Nestas circunstâncias, as duas brigadas suplementares de burros cuja organização Napoleão deferiu a 10 de Agosto³⁰ e que ainda não tinham chegado em meados de Setembro, mostrando mais uma vez a lentidão da administração relativamente aos recônditos do Império, teriam sido providenciais para o transporte das munições da artilharia, das ferramentas do corpo de engenheiros³¹ e de material para o indispensável serviço das ambulâncias, cujo estado era considerado apenas como razoável³². O transporte da reserva de subsistências é assegurado pelas equipagens militares, pelo trem, por alguns carros da região e pela brigada de burros que o intendente-geral atribui a cada um dos corpos. Por sua vez, a artilharia recebe 2000 bois para o transporte das munições³³. Não obstante, do relatório apresentado por Lambert depreende-se que os meios de transporte reunidos estavam longe de satisfazer as necessidades dos cerca de 40 mil homens que compunham o exército de Portugal nesta data³⁴.

Contudo, como observa Lagarde: *a chegada a Lisboa é apenas uma das dificuldades menores da empresa. A maior será [alimentar o exército e a população] com o mar fechado e a Espanha em revolta, manter-se num território cuja produção não é suficiente para sustentar a população e alimentar um exército numeroso. Há dois anos vivia-se, desde meados de Abril, dos cereais que chegavam de Cádiz pelo Guadiana até Mourão (...) Como faremos agora que Cádiz, Badajoz, Elvas e o Guadiana não estão mais em nosso poder?*³⁵. A resposta a esta interrogação será dada um mês depois mesmo sem entrar em Lisboa.

²⁸ Correspondência para Savary, 25 de Julho. *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. .

²⁹ *Idem*, de 14 de Agosto, p. 281.

³⁰ *Correspondência inédita... op. cit.*, p. 687.

³¹ Relatório do Intendente-Geral Lambert para Masséna, de 10 de Setembro. AN, IV AF 1626*.

³² Os serviços de saúde estavam desfalcados de material e de médicos. Tinha sido necessário deixar alguns médicos franceses para dirigir os hospitais de Salamanca, Ciudad Rodrigo e Almeida e para suprir esta falta recorre-se a médicos espanhóis, mas que eram considerados como inferiores aos franceses.

³³ Relatório do Intendente-Geral Lambert para Masséna, de 15 de Setembro. AN, IV AF 1626*.

³⁴ Napoleão estimava-o em 60 mil homens. Koch, afirma que é necessário subtrair a este número cerca de 14 mil soldados, dos quais 6 mil doentes, 2 mil deixados nas guarnições de Ciudad Rodrigo e Almeida, e 6 mil que se encontram na retaguarda, *Mémoires de Masséna... op. cit.*, p. 161. Os mapas de situação mostram um exército de 46.172 homens prontos para entrar em Portugal (AN, IV AF 1626*). Por seu turno, Pelet afirma que o exército quando chega às Linhas era composto por 35 a 36 mil homens, "Notes sur la campagne de Portugal de 1810 et 1811", *Victoires, conquêtes, desastres, revers et guerres civiles des Français de 1792 à 1815*, par Charles Théodore Beauvais, Jacques-Philippe Voart, Ambroise Tardieu, t. XXI, Paris, Panckouche, 1821, p. 323). Se lhe adicionarmos as baixas da batalha do Bussaco (4.486 soldados mortos, feridos e prisioneiros) atingimos um número que não ultrapassará os 40 mil soldados aptos ao combate no momento da entrada em Portugal.

³⁵ Correspondência para Savary, 14 de Agosto de 1810. *La Mission de Lagarde...op. cit.*, pp. 285-286.

A ausência de disciplina e conflito de chefias

A indisciplina reina no exército de Portugal, resultado do carácter que a guerra assumiu em Espanha. O espírito de independência dos governadores militares, a rivalidade e a concorrência que fazem entre si os comandantes dos corpos, a cupidez de quem detém o poder, depressa transborda dos círculos da hierarquia militar para atingir todos os escalões do exército. O incêndio e a pilhagem convertem-se em doutrina, para utilizar mais uma vez uma expressão de Lagarde³⁶. Ainda em Espanha as frequentes requisições de todos os tipos que se abatem sobre a população, não podiam deixar de suscitar uma reacção, levando à intensificação da guerra e da violência por ambas as partes. A insegurança aumenta, mesmo nas zonas controladas pelas tropas francesas, os correios e as estafetas são interceptados, os destacamentos são atacados... resvalando-se para um tipo de guerra para o qual o exército francês não estava habituado nem adaptado. O atolar da guerra peninsular faz com que se torne numa “guerra maldita”, em que o proveito pessoal que se possa retirar, entenda-se meios de fortuna, é visto como a única compensação a servir em Espanha³⁷. A corrupção está instaurada mesmo no seio do exército; tudo se vende, desde os víveres aos objectos essenciais, passando evidentemente pelo fruto das exacções cometidas sobre a população; e pelo suborno os prisioneiros de guerra conseguem evitar o envio para França³⁸... O exército que entra em Portugal é composto por tropas que estacionavam já em Espanha e que por conseguinte estavam habituadas à pilhagem e ao uso da violência. Para mais, um grande número de soldados do 2º corpo tinha participado nas anteriores campanhas e encaixado duas humilhantes derrotas que era necessário vingar. O modo como se sobrevive em Portugal não é mais do que a aplicação, de forma exponencial, das práticas utilizadas já em Espanha.

Masséna sente dificuldade em impor a sua autoridade, e apesar da severidade das ordens e dos regulamentos, a desobediência mantém-se. Esta situação resulta de dois factores: da crescente insubordinação e tendência para a autonomia que vem aumentando nas tropas estacionadas em Espanha, e dos conflitos com Ney e Junot. No exército de Portugal, alguns oficiais mais clarividentes, pensam que o Imperador, com o elenco que destacou para a nova campanha: um Masséna envelhecido e debilitado fisicamente, um Ney ávido de poder, um Junot, relegado para um papel secundário e um Reynier acostumado a comandar sozinho, cometeu um erro³⁹. A 1 de Julho Masséna leva o estado de indisciplina do exército de Portugal ao conhecimento de Napoleão, que só lhe responde a 14 de Agosto, lembrando-lhe que compete ao comandante em chefe reprimir severamente a insubordinação, fazer cessar a pilhagem e controlar o emprego das contribuições⁴⁰.

³⁶ *Idem*, p. 283.

³⁷ *O objectivo é fazer dinheiro a qualquer preço. Esta cupidez devoradora desce das altas esferas do exército até às mais baixas. Confessa-se que é a única compensação à desgraça de servir em Espanha.* *Idem*, p. 282.

³⁸ Ainda antes da queda de Almeida, o 6º corpo realizava incursões em Portugal, na região de Pinhel, saqueando e pilhando as aldeias. Lagarde refere que soldados do 6º corpo levaram espanhóis a Pinhel, abandonada pela população, para lhes venderem o mobiliário das casas. *Idem*, p. 283.

³⁹ Béchet de Léocour, *Souvenirs... op. cit.*, p. 339.

⁴⁰ *Correspondance inédite... op. cit.*, p. 691.

Por outro lado, a rivalidade que se fará sentir no exército de Portugal, a nível das chefias, era inevitável e independente da personalidade que fosse escolhida para o seu comando, resultando do tipo de organização adoptado: um exército composto por três corpos sob o comando superior de um general em chefe. A junção de Masséna, de Ney e de Junot era um cocktail altamente explosivo, de que Napoleão não se apercebeu ou não quer ter em conta, pensando que Masséna conseguiria controlar as rebeldias. A escolha de Masséna é justificada por Napoleão pelas suas qualidades de estratégia, sendo *o homem das situações difíceis, dos casos desesperados*⁴¹, como na Suíça. Dele dirá que tem um *carácter forte, uma firmeza invencível, muita clareza e frescura nas ideias no meio dos perigos, que é um génio da guerra no meio do fogo*⁴².

Masséna ainda procurou esquivar-se à missão, alegando a idade avançada e a saúde debilitada, o receio de insubordinação por parte dos comandantes dos corpos, que só obedeciam ao Imperador, e a falta de cooperação dos governadores militares, receando também a insuficiência de meios⁴³. Mas Napoleão não aceita os argumentos de Masséna, apresentando vantagens onde este só vê inconvenientes. Ney é apresentado como um general de vanguarda, *se as suas ideias no gabinete são fracas, resgata esse defeito no terreno, quanto a Junot, fez a primeira expedição e poderá dar-lhe informações preciosas sobre a natureza do terreno e sobre os recursos e os indivíduos influentes no país*⁴⁴. Masséna, resignado⁴⁵, prepara-se para a partida, mas não sem antes esboçar uma derradeira tentativa para demover o Imperador do seu projecto de o enviar a Portugal. A 20 de Abril, na carta de despedida para o Imperador escreve: *Suplico Vossa Majestade que acredite na minha inteira dedicação, na inviolável devoção à Vossa Sagrada Pessoa, e no desejo de servir directamente sob as Vossas ordens se Ela se mover para um outro ponto da Europa, é a graça que ousou pedir a Vossa Majestade*⁴⁶.

A missão agora confiada a Masséna lembra-lhe a de Itália, da qual tem amargas recordações⁴⁷, e pressagia os acontecimentos futuros. O general Thiébault conta nas suas memórias um episódio ocorrido pouco antes de Masséna ser nomeado para o exército de Portugal, no qual se descortina o pessimismo que dominava já o marechal. Os dois homens conversavam, a propósito do quadro de Jourdan que tinha sido retirado da sala dos marechais, sobre os homens de guerra maltratados por Napoleão, quando Masséna pronuncia: *Quem lhe diz que dentro de seis meses não terei um acontecimento infeliz?*⁴⁸ Masséna devia apreender a campanha e, talvez mesmo, duvidar do seu sucesso. O Príncipe d'Essling tem consciência do

⁴¹ Koch, *Mémoires de Masséna...* op. cit., p. 19.

⁴² Confidências de Napoleão a Pelet, entrevista de 6 de Abril de 1811, *Mémoires sur ma campagne de Portugal*, Paris, Éditions Historiques Teissèdre, 2003, p. 537.

⁴³ Koch, *Mémoires de Masséna...* op. cit., pp. 18-20.

⁴⁴ *Idem*, p. 21

⁴⁵ Jomini, que em 1810 pertencia ao estado-maior de Berthier, afirma que Masséna não mostrava grande optimismo quanto à guerra da Península e que foi contra-vontade que partiu para Espanha. Jomini, *Guerre d'Espagne, extrait des souvenirs inédits du général Jomini (1808-1814) par Ferdinand Lecomte*, Paris L. Baudoin, 1892, p. 151.

⁴⁶ Correspondência de Masséna para Napoleão, de 20 de Abril de 1810. AN, IV AF 1626*.

⁴⁷ Koch, *Mémoires de Masséna...* op. cit., p. 19.

⁴⁸ Thiébault, *Mémoires du général baron Thiébault*, publiés sous les auspices de sa fille, Mlle Claire Thiébault, d'après le manuscrit original, par Fernand Calmettes, t. IV (1806-1813), Paris, E. Plon, Nourrit et C^o, 1895, pp. 394-395. Masséna estava persuadido que a brusquidão e a dureza das quais era vítima por parte de Napoleão, se destinavam a colocá-lo numa posição de tal modo delicada e desagradável, que lhe fosse impossível impor condições à aceitação do comando do exército de Portugal.

ambiente que domina o exército e do desgaste psicológico provocado pela duração da guerra⁴⁹. A doença que desde 1807 o enfraquecia⁵⁰ (desde a campanha da Polónia que vomitava sangue)⁵¹, e que Napoleão parece menosprezar, debilitou-o, retirando-lhe as forças que seriam necessárias para controlar a esperada insubordinação dos comandantes dos corpos. Também, a idade começa a pesar. O general Béchét de Léocour, dirá a este propósito que *Masséna desenvolvia nesta campanha grandes talentos e uma rara firmeza do qual depende muitas vezes o sucesso, mas que já não era jovem. Estava também desiludido e em muitas ocasiões, era visível que já não era o mesmo homem*⁵². Num estilo mais coloquial, Thiébault comenta que o *marechal sobrevivia a si próprio, e que se tinha tornado num desses heróis consagrados que não deviam mais ser expostos aos caprichos da fortuna*⁵³. Os estados-maiores dos três corpos julgam-no envelhecido, e não se coíbem de o comentar, em especial nos 6° e 8° corpos⁵⁴. Lagarde explica estes comentários, e o exagero neles contido, como uma possível manobra por parte dos comandantes dos corpos para levar o Príncipe d'Essling a abandonar a expedição e lhe suceder no comando⁵⁵. Relativamente a Masséna, com quem convive quotidianamente, Lagarde descortina no seu discurso apenas o receio de não corresponder às expectativas do Imperador e de não estar à altura da sua reputação⁵⁶.

A recepção dispensada por Ney à chegada de Masséna ao exército de Portugal afasta qualquer veleidade que pudesse subsistir quanto à cordialidade das relações entre os dois: *Numa circunstância em que me vejo passar a subordinado, devo pelo menos, congratular-me de o ser consigo*⁵⁷. Ney, ambicioso, orgulhoso, de temperamento colérico e irascível, tinha entrado já no ano anterior em conflito com Soult, depois do regresso deste de Portugal. Vai depois encontrar-se sob as ordens do duque da Dalmácia, quando este foi nomeado comandante do exército de Andaluzia, gerando uma situação de insubordinação que levará o rei José a afastá-lo, em Outubro de 1809, mas Napoleão reenvia-o de novo para Espanha. Perdida a esperança de servir sob o comando do Imperador, única maneira de se fazer notar e de ganhar maior prestígio, o duque de Elchingen vai encontrar-se sob o comando de Masséna, de quem se considera igual na honra das armas e na dignidade dos títulos. O general Jomini, que em 1809 é chefe do estado-maior do 6° corpo, dirá de Ney que este lhe parecia mais apto a secundar do que a comandar isolado⁵⁸, e Napoleão destaca as qualidades de general de vanguarda, mas *a quem nunca confiaria um exército de 40 mil*

⁴⁹ *O móbil das virtudes militares alterara-se: continuava-se a combater pela glória, mas sem a abnegação dos primeiros tempos da República, Uma vaidade excessiva cegava muitos generais acerca dos seus reais méritos, revoltava-os contra qualquer autoridade e podia levá-los a comprometer o êxito comum para que triunfassem as suas ideias pessoais.* Koch, *Mémoires de Masséna... op. cit.*, p. 18.

⁵⁰ Thiébault, *Mémoires... op. cit.*, p. 410.

⁵¹ Napoleão dirá em Santa-Helena que Masséna tinha uma doença de peito incurável, Las Cases, *Memorial de Saint-Hélène*, vol. 2, Paris, E-Bourdin, 1842, p. 609. Para Brisset, médico de Masséna, tratava-se de uma úlcera, J. Marshall-Cornwall, *Marshall Masséna*, London, Oxford University Press, 1965, p. 251 citado por Christian Schneider in Béchét de Léocour, *Souvenirs... op. cit.*, note 667, p. 378. Outros autores avançam que estava tuberculoso.

⁵² Béchét de Léocour, *Souvenirs... op. cit.*, p. 339.

⁵³ Thiébault, *Mémoires... op. cit.*, p. 410

⁵⁴ Jomini, *Guerre d'Espagne... op. cit.*, p. 151.

⁵⁵ Correspondência para Savary, *La Mission de Lagarde...op. cit.*, p. 285.

⁵⁶ Correspondência para Savary, 14 de Agosto, *La mission Lagarde...op. cit.*, p. 281.

⁵⁷ Koch, *Mémoires de Masséna... op. cit.*, p. 25.

⁵⁸ Testemunho de Jomini a Clarke, ministro da Guerra, AN, IV AF 1616, cit. in Nicole Gotteri, "Le maréchal Soult et la royauté du Portugal en 1809 », *Bibliothèque de l'École des Chartes*, t. 148, 1990, p. 130.

homens⁵⁹. Para o ajudante de campo de Masséna, Pelet, trata-se de uma questão de caracteres semelhantes, do facto de um não suportar ser comandado e do outro não esquecer que comandava desde há anos⁶⁰. O forte temperamento tanto de Ney, como de Junot⁶¹, homens que apenas Napoleão podia controlar, e mesmo assim, não sem algumas chamadas à ordem, colidirá fatalmente com o de Masséna e levará ao afastamento de Ney do comando do 6º corpo a 22 de Março de 1811, durante a retirada do exército, após se ter recusado a obedecer às ordens do comandante-em-chefe.

2) As Linhas de Torres Vedras

A entrada em Portugal põe o exército francês perante a realidade da situação preparada por Wellington em sua intenção. Dos reconhecimentos executados desde meados de Agosto na região de Pinhel, sabia-se que a Regência ordenara à população de se retirar à aproximação dos franceses, e de levar consigo tudo o que pudesse ser útil ao inimigo, e que por conseguinte a estratégia luso-inglesa era a de vencer os franceses *pela fome, pela falta de transportes e de víveres para os cavalos e para os homens*⁶². Tinha-se também conhecimento dos entrincheiramentos que estavam a ser feitos da Serra da Estrela a Tomar e Abrantes e pensava-se que seria nesta linha que o exército combinado lhe livraria batalha⁶³. Os relatórios que chegavam ao quartel-general referem a destruição e o deserto em que a execução das ordens dos Governadores do Reino deixava a região, mas que se pensavam exagerados⁶⁴. A entrada em Portugal revelará que a realidade está aquém da descrita nesses relatórios.

O avanço faz-se lentamente por estradas de montanha, que em muitos casos não passam de simples carreiros, revelando-se arrasadoras tanto para os veículos e cavalos como para os soldados. Os carros quebram-se⁶⁵ e os animais estão exaustos e famintos; mesmo a artilharia cujas viaturas são de construção sólida têm dificuldade em avançar, sendo necessário esperar 4 dias por ela e pelas bagagens em Viseu, e depois em Coimbra⁶⁶. As viaturas do trem de munições avariavam-se, obrigando ao seu abandono. Os acidentes com os carros fazem o exército perder uma parte das subsistências, sendo o sexto corpo o mais atingido.

⁵⁹ Pelet, *Mémoires... op. cit.*, p. 537.

⁶⁰ Pelet, "Notes... art. cit", p. 317.

⁶¹ Thiébault, que foi o chefe de estado-maior de Junot na 1ª invasão, retrata-o nos seguintes termos: *vaidoso, ofensivo, irascível e soberbo, não tinha em atenção nem o estatuto nem o poder do interlocutor, tinha-se submetido a Napoleão com fanatismo e não reconhecia qualquer outra dependência. No campo militar era arrebatado e impetuoso, não possuía nem a constância nem a postura sem as quais o ímpeto é impotente. Não tinha nem vislumbre, nem previsões nem inspirações. Do combate só compreendia o choque, não entendia nada de disposições, as únicas que podem atenuar as perdas ou as insuficiências.* Thiébault, *Mémoires... op. cit.*, p. 126.

⁶² Correspondência para Savary, 21 de Agosto, *La Mission de Lagarde...op. cit.*, p. 291.

⁶³ *Idem, ibidem.*

⁶⁴ *Não tardaremos a ver com os nossos próprios olhos o que há de mais ou menos exagerado nestes relatos. Idem, de 12 de Setembro, p. 296.*

⁶⁵ Béchet de Léocour conta a este propósito: *numa destas marchas, vêm-me advertir que a viatura de estado-maior que transportava os meus papéis tinha acabado de se partir (...). Felizmente que não estávamos próximo do nosso acampamento et un criado muito inteligente que tinha, encontrou o meio de fazer transportar o mais importante por seis belas mulas que puxavam o meu carro.* Béchet de Léocour, *Mémoires... op. cit.*, p. 348.

⁶⁶ Atraso justificado por Marbot pela fadiga de Mme de Leberton, que Masséna tinha levado consigo para Portugal. Marbot, *Memórias sobre a 3ª invasão francesa*, Casal de Cambra, Centro de História da Universidade de Lisboa/Caleidoscópio, 2006, p. 55.

Após o Bussaco e Coimbra o estado das estradas melhora; o avanço é agora mais rápido, mas as chuvas abundantes que começam a cair a 5 de Outubro⁶⁷ aumentam as dificuldades da marcha, causando estragos irreparáveis no material, nomeadamente em termos de vestuário e calçado⁶⁸, e avariando as munições que os soldados transportavam nas cartucheiras.

O deserto anunciado antes da entrada em Portugal concretiza-se; de Almeida até às Linhas não encontram mais de cem pessoas. Em Pinhel, Guarda, Viseu Coimbra, Leiria, Pombal, Alenquer, Vila Franca, Santarém, o seu número não seria superior a 5 dezenas⁶⁹. Nas vilas e aldeias abandonadas as habitações são arrombadas e pilhadas, na procura de um abrigo para pernoitar e de provisões, revolvendo-se casas e quintais numa furia devastadora, que os oficiais não conseguiam impedir⁷⁰. A reserva de bicuito e arroz levada de Almeida foi consumida em 8 a 9 dias de marcha. Legumes e feijão, que se encontram na região, supriram a falta de pão de trigo⁷¹, e a estação do ano em que se dá invasão proporciona também alguns recursos suplementares, nomeadamente fruta e milho⁷². Em Coimbra, os franceses encontram uma cidade aprovisionada; os armazéns militares da cidade tinham sido destruídos, mas as casas particulares estavam ainda repletas de farinha, trigo, pão, legumes secos, arroz, vinho, aguardente, rum e géneros coloniais. O desperdício destas subsistências, inerente à pilhagem da cidade, frustra o exército francês do que poderia ter constituído uma formidável reserva. Mas também é verdade que a formação de armazéns estava condicionada pela falta de meios de transporte, não podendo o exército sobrecarregar os já exaustos animais com peso suplementar, e que a chegada a Lisboa, que tão próxima parecia estar, significaria o fim da penúria alimentar. Por outro lado, o que o soldado não consumia ou não desperdiçava é tido como recursos deixados ao inimigo.

É apenas ao aproximar-se de Lisboa que Masséna toma conhecimento das Linhas de Torres Vedras. As primeiras afirmações, datadas de Leiria, de 7 de Outubro, são vagas, sendo completadas dois dias depois em Rio Maior. Os regimentos mais avançados descobrem as Linhas a 10 e 11 de Outubro, mas Masséna só chegará a 12, não conseguindo fazer nesta altura uma ideia concreta devido às nuvens que cobrem as cumeadas. Quando o nevoeiro se dissipa, Masséna descobre então toda a grandeza das Linhas de Torres Vedras. O reconhecimento do terreno imediatamente efectuado aponta para a impossibilidade de atacar as Linhas com o número de soldados de que dispõe, o que é confirmado no dia seguinte com o reconhecimento da direita da 1.ª Linha. Inicia-se então o cerco das Linhas de Torres Vedras e, para o exército francês, uma longa espera. À excepção da batalha do Sobral, logo a 12 de Outubro mas com prolongamentos a 13 e 14, os dois exércitos permanecem num imobilismo quase total, pontuado apenas por algumas escaramuças. O exército

⁶⁷ As chuvas continuam a cair intensamente até 17 de Outubro. Os meses de Outubro e Novembro foram aparentemente bastante chuvosos, pois quando se dá a retirada das Linhas para posições na retaguarda, a 14 de Novembro, esta foi feita debaixo de chuva intensa.

⁶⁸ Os últimos pares de sapatos são distribuídos a 23 de Outubro.

⁶⁹ Correspondência para Savary, 27 de Outubro, *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. 303.

⁷⁰ Béchet de Léocour confessa ter entrado por este meio em posse de um belíssimo serviço de porcelana. Béchet de Léocour, *Mémoires... op. cit.*, p. 352.

⁷¹ SHAT, série C 7, cx. 27, relatório de quinzena do 2.º Corpo, de 1 de Outubro de 1810.

⁷² SHAT, MR. 920, f. 583.

francês permanece cerca de um mês face às Linhas de Torres Vedras, acabando por se retirar para posições na retaguarda sem ter livrado batalha, nem ter inquietado desmedidamente o exército aliado.

Masséna tinha optado por estacionar frente às Linhas, esperando a chegada de reforços ou que Wellington se decidisse a sair para lhe livrar batalha. É apoiado nesta decisão por Ney e Reynier, que receiam a possibilidade de se produzir um novo Buçaco⁷³. Por sua vez, Fririon, Junot, e Montbrun consideram que as Linhas não são suficientemente fortes para impedir o avanço francês, pelo que se deveria ter aproveitado a desordem da retirada do exército luso-inglês para as atacar. Mas o reforço de tropas que Masséna acabará por receber (seis mil homens do 9º corpo), é insuficiente para atacar as Linhas, tanto mais que a sua missão é de restabelecer as ligações com Espanha, que estavam interrompidas desde a partida de Coimbra⁷⁴. E a promessa de auxílio por parte de 5º corpo de Sult que se encontrava na Andaluzia, feita por Napoleão, nunca se concretizará.

À chegada às Linhas, homens e animais estão exaustos. Os cavalos da cavalaria chegam desferrados, tolhendo-lhe os movimentos nos primeiros dias, e os ferreiros terão grandes dificuldades em ferrá-los por falta de ferraduras, de pregos e de ajudantes⁷⁵. As munições estão avariadas devido às chuvas intensas, sendo o seu número apenas suficiente para uma única batalha.

A questão das subsistências domina, desde o início, as preocupações dos responsáveis pela campanha, pois como lembra Loison *é necessário comer antes de combater*⁷⁶. Os cinco meses de estadia em Portugal reduzir-se-ão a uma luta pela sobrevivência. A ideia de formar armazéns com os víveres que não tinham sido retirados surge apenas a 24 de Outubro, dando Masséna neste sentido ordens a Lambert, mas a pensar ainda na entrada em Lisboa. Tais armazéns destinavam-se a fazer face às dificuldades que não deixariam de surgir nos primeiros momentos, de modo a sustentar uma parte do exército colocado na capital ou as tropas que estacionassem nos arredores. Até esta altura os soldados foram deixados por conta própria, executando excursões que lhes proporcionavam quantidades razoáveis de víveres, mas que provocavam grandes desperdícios⁷⁷. A facilidade de aprovisionamento depende da posição que os corpos ocupam no terreno,

⁷³ Ainda que a vitória aliada não tenha sido clara, as pesadas perdas sofridas pelos franceses impressionam os soldados franceses. À chegada às Linhas, o espectro do Buçaco paira ainda sobre o exército de Masséna, que receiam encontrarem-se numa posição idêntica. *A montanha sobre a qual se situa o principal forte do inimigo ergue-se em frente do Sobral como a do Buçaco por cima da Moita*. SHAT, série C 7, cx. 10, correspondência de Pelet para Masséna, reconhecimento de 13 de Outubro de 1810.

⁷⁴ As notícias da campanha chegam a Paris através dos jornais ingleses. As directivas dadas a Drouet d'Erlon, a quem é confiada a missão de restabelecer as comunicações com Masséna, repousam nestas informações: *parece que a 20 de Outubro ainda não tinha havido batalha e que os dois exércitos permaneciam nas suas posições. Parece também que más tropas portuguesas formam um pequeno corpo que interrompe as comunicações entre o Príncipe e Almeida. O Príncipe considerou que o entrincheiramento da região de Lisboa tornou a posição de lord Wellington demasiado poderosa, pelo que se presume que a situação em Portugal se prolongue durante algum tempo e, neste caso, seria bastante importante que fosse útil quer em mantendo as comunicações e assegurando os comboios, quer em executando uma manobra de diversão. A opinião do Imperador, formada a partir dos relatórios ingleses, é a de que o exército inglês é formado apenas por 25 mil homens e que os portugueses não são mais do que 15 a 20 mil, sendo a maior parte composta por milícias. Isto não apresenta uma força capaz de se impor ao Príncipe mas é possível que com a vantagem oferecida pela posição ocupada pelo inimigo e pelos entrincheiramentos, a guerra se arreste, como lhe disse, durante algum tempo e impeça o Príncipe de entrar em Lisboa*. SHAT, série C 7, cx. 10, correspondência de Berthier para o general Drouet, comandante do 9º corpo, de 9 de Novembro de 1810.

⁷⁵ Correspondência para Savary, 27 de Outubro, *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. 304

⁷⁶ SHAT, série C 7, cx. 20, correspondência de Loison para Ney, de 23 de Setembro de 1810.

⁷⁷ *Nós teríamos podido recolher uma quantidade bastante considerável de víveres sem os desperdícios e os estragos que tiveram lugar*. SHAT, MR 920, ff. 478-479.

sendo o 8° o que enfrenta maiores dificuldades de aprovisionamento dado encontrar-se entre as Linhas e o resto do exército, e o 2°, estacionado em Vila Franca, o mais favorecido. Sem distribuições regulares, os soldados abandonam os acantonamentos para procurarem provisões pelos seus próprios meios, primeiro nas proximidades, mas à medida que os géneros vão escasseando, as excursões atingem longas distâncias, concentrando-se dentro de um vasto perímetro que abrange Peniche, Óbidos, Pedrógão Grande, Pampilhosa, Castanheira, Vila Velha de Ródano.

A intendência recebe ordens para recolher os grãos que se encontravam em Santarém e Vila Franca, e para proceder à sua distribuição pelos corpos; estes deveriam também constituir o seu próprio armazém de víveres. Procura-se rapidamente reparar os moinhos, cujas mós estavam partidas, e os fornos, de modo a que pudessem ser fabricadas diariamente 30 mil rações de pão. Com estas medidas Massena espera estar em condições de assegurar distribuições regulares, o que nunca foi conseguido⁷⁸, devido nomeadamente ao facto dos soldados não saberem fazer funcionar os moinhos portugueses, pelo que moíam farinha em quantidade insuficiente. Em meados de Novembro, com a região em frente às Linhas esgotada, Massena executa um movimento retrógrado, indo ocupar o triângulo Santarém, Pernes, Leiria, com o quartel-general em Torres Novas e a cavalaria em Ourém. A cada corpo é então atribuído um território do qual devia extrair as suas subsistências.

Nos finais de Outubro, Massena tinha ordenado que se fizessem perquisições nas habitações⁷⁹. Das casas e lojas perquisicionadas deveriam ser retirados apenas os géneros e o que apresentasse alguma utilidade para o exército, redigindo-se em seguida um processo verbal, e selando-se depois o local⁸⁰. Paralelamente às perquisições e excursões oficiais, efectuam-se também outras por conta própria, bastante apreciadas pelos soldados por lhes proporcionar alguma actividade⁸¹. Rapidamente os soldados franceses demonstram uma espantosa perícia em descobrir os esconderijos onde os habitantes tinham enterrado o que não podiam levar⁸². As missões são comandadas por um oficial e compostas por efectivos que podem atingir 200 a 300 homens⁸³. As provisões são depois encaminhadas para os acantonamentos pelos burros levados de Espanha⁸⁴, dado que as viaturas são insuficientes⁸⁵. No início de Fevereiro de 1811, as excursões atingiam as

⁷⁸ A excepcionalidade da situação deixa a Administração completamente desorientada, não sabendo como agir dado que os métodos habituais (compra ou sequestro de mercadorias, requisições, embargo de propriedades públicas...) não podem ser aplicados em Portugal. Correspondência para Savary, 15-20 de Janeiro de 1811, *La Mission de Lagarde... op. cit*, p. 312

⁷⁹ Que deviam ser executadas em presença de um oficial dos dragões, de um oficial da infantaria, de soldados da intendência-geral e de magistrados da cidade

⁸⁰ SHAT, série C 7, cx. 7, correspondência de Loison para o capitão Gaillard, de 29 de Outubro de 1810.

⁸¹ SHAT, MR 920, ff. 553-554.

⁸² SHAT, MR 748, *Journal de Delagrave*, f. 85.

⁸³ Correspondência para Savary, 15-20 de Janeiro de 1811, *La mission de Lagarde... op. cit*, p. 311.

⁸⁴ E sem os quais teria sido impossível transportar as subsistências e mesmo os feridos para os hospitais, mas que acabam por ser comidos quando a carne se torna rara. Correspondência para Savary, 15-20 de Janeiro de 1811, *La Mission de Lagarde... op. cit*, p. 311.

⁸⁵ Durante a marcha até às Linhas, o exército foi obrigado a abandonar uma parte dos carros, de modo a libertar animais para substituir os da artilharia que morriam de cansaço devido ao mau estado das estradas. Em meados de Janeiro de 1811 já só existiriam 51 carros, número que presumimos referir-se apenas aos destinados ao transporte das equipagens excluindo os veículos da artilharia. *Idem, ibidem*.

margens do Mondego, onde se encontrava ainda algum milho, mas eram necessários sete dias de marcha para percorrer ida e volta, para além de que os meios de transporte apenas podiam carregar 4 dias de víveres⁸⁶.

As excursões levam a que entre um terço e metade do exército esteja em permanência ausente dos acantonamentos⁸⁷. A consequência imediata é o relaxamento da disciplina e a perda de efectivos numa altura em que não há confrontos directos com o inimigo⁸⁸. Masséna procurará conter os soldados nos respectivos acantonamentos, dando ordens para que se faça uma chamada diária em todos os regimentos, e enviando a polícia do grande quartel-general reconhecer as estradas de Alcobaça e Santarém, que as eram as mais frequentadas pelos salteadores, com a obrigação de trazer de regresso os soldados encontrados nas aldeias e quintas da região. Medidas que não surtiram qualquer efeito; são as excursões que permitem aos soldados sobreviver na região, encontrando-se a dos próprios oficiais dependente delas.

Em meados de Dezembro, o Exército de Portugal encontra-se já num estado de grande penúria, e mesmo os oficiais não estão mais em condições de substituir os objectos perdidos ou deteriorados: *não encontrávamos nada para substituir o que se perdia, o meu chapéu não se mantinha na cabeça, as minhas botas estavam gastas. Não tínhamos mais sabão, as velas e o café estavam no fim, apenas o estrito necessário. (...) O meu alojamento estava sem móveis, tinha aberturas por todos os lados e eu dormia num horrível colchão (...)*⁸⁹. Contudo, o engenho do soldado, levá-lo-á a fazer face às necessidades mais precárias reparando o calçado com alguns couros trazidos das excursões, e fabricando aguardente, sabão, azeite e velas. Igualmente se fabrica toda a espécie de ferramentas (machados, serras, martelos, picaretas) para a construção das pontes sobre o Tejo e o Zêzere, desmantelam-se as casas de onde se retira madeira e ferro, deixando-as em grande ruína.

As dificuldades de aprovisionamento aumentam com o passar do tempo. Em finais de Dezembro Masséna escreve que *chegamos ao fim dos nossos recursos em subsistências, dificilmente nos poderemos manter até ao final de Janeiro*⁹⁰. Em meados de Janeiro de 1811, o intendente geral, comunica à Administração da Guerra que *o exército vive desde há um mês exclusivamente de milho, que os regimentos têm apenas biscoito para dez dias e que em breve os cavalos acabarão com o que resta de palha*⁹¹. Em fins de Janeiro, as distribuições cessaram no Grande Quartel-General, em Torres Novas, reservando-se as provisões ainda existentes para os hospitais⁹². A própria intendência encontra-se numa situação de penúria⁹³.

⁸⁶ SHAT, série C 7, cx. 19, correspondência de Ney para Masséna, de 3 de Fevereiro de 1811.

⁸⁷ De tal modo que a batalhões colocados nos postos avançados, ao alcance do fogo de canhão do inimigo, não restavam cem homens no campo, todos os outros andavam em excursão. Informação de Clauzel a Marmont, *Mémoires du marechal Marmont, duc de Raguse de 1792 à 1841, imprimés sur le manuscrit original de l'auteur* par Wiese de Marmont, t. IV, Paris, Perrotin, 1857, p. 31.

⁸⁸ *Existe um grande número de soldados de diferentes Corpos do Exército que vieram fazer excursões para a estrada de Santarém. Peço-lhe que dê ordens para que a polícia faça imediatamente uma saída e obrigue os batedores a voltarem para os seus regimentos e que a polícia não regresse até que se tenha bem assegurado que não existem mais salteadores.* SHAT, série C, Cx 10, correspondência de Masséna para Fririon, de 1 de Novembro de 1810.

⁸⁹ SHAT, MR. 920, f. 588.

⁹⁰ SHAT, série C 7, cx. 10, correspondência de Masséna para Ney, de 30 de Dezembro de 1810.

⁹¹ SHAT, série C 7, cx. 11, correspondência para o director da Administração da Guerra, de 16 de Janeiro de 1811.

⁹² SHAT, M. 921, f. 913.

⁹³ *A administração castigou-se a ela própria e sofre mais do que ninguém, sobretudo os seus empregados subalternos. O Príncipe pôs contudo a sua disposição todas as mulas ou cavalos de tiro pertencentes aos diversos indivíduos, que eram*

L'Armée du Portugal conseguirá ainda manter o cerco de Lisboa durante mais um mês, mas na noite de 5 para 6 de Março o exército que inicia a sua retirada é uma sombra daquele que cinco meses antes entrara triunfante em Portugal⁹⁴.

O modo de vida do Exército de Portugal e o regime alimentar, aliado ao longo período de chuvas, provocam um elevado número de doentes. Os soldados que adoecem, dada a precariedade dos hospitais, imaginam-se de imediato presos na teia da morte. Por falta de meios de transporte, quem adoecer longe dos acantonamentos é abandonado à sua sorte⁹⁵, degradando ainda mais o moral das tropas⁹⁶. Os corpos com maior número de jovens conscritos são os mais atingidos pelas doenças. A falta de medicamentos leva ao agravamento do estado dos doentes, que acabam por morrer, explicando a elevada mortalidade, tanto nos hospitais dos corpos como nas enfermarias de regimento. Quando em Março o Exército de Portugal inicia a sua retirada estava reduzido a 28 mil homens em estado de combater⁹⁷

Nos últimos tempos da presença francesa, Portugal é completamente devastado, e as populações são objecto de uma grande violência: *Os habitantes que já proporcionaram todos os meios de subsistência que tinham ou que a miséria os impediu de fornecer são vítimas de horríveis barbaridades (...). Os nossos soldados enforcaram um grande número destes desgraçados*⁹⁸. A barbaridade dos crimes cometidos sobre as populações é referida em todas as memórias relativas à campanha de 1810-1811⁹⁹.

Os primeiros conflitos com Ney surgem logo durante o cerco de cidade Rodrigo, com a aceleração do fogo antes do momento previsto, a posição da bateria de brecha, a tentativa de Massena substituir o responsável pelos trabalhos de engenharia, o major Couche, pelo coronel Valazé, do 8º corpo, a incursão em Portugal feita pelo 6º corpo, a 24 de Julho, ainda antes do cerco de Almeida, e depois já durante a marcha em Portugal a avançada deste mesmo corpo sobre Celorico que desvenda o itinerário da marcha com um dia de antecedência, no Buçaco, em frente às Linhas, e durante a retirada em Pombal, na Redinha, em Condeixa, na Foz do Arouce... levam Masséna a destituir Ney do comando do 6º corpo a 22 de Março de 1811.

A expedição a Portugal é a crónica de uma morte anunciada. Em Maio de 1811, quando o comando do exército de Portugal é retirado a Masséna e entregue ao marechal Marmont, o estado em que se encontra o

conduzidos a grandes distâncias, e cuja carga era repartida ¾ para a administração e ¼ para os proprietários. SHAT, M. 921, ff. 913-1914.

⁹⁴ Dos testemunhos escritos no rescaldo da campanha, denota-se um espírito de censura à maneira como Masséna lidou com a falta de subsistências, responsabilizando-o pela má gestão dos recursos e de ter em primeiro lugar salvaguardado as subsistências da sua casa, composta por uns trinta oficiais. *O Príncipe tinha no seu alojamento uma dispensa e uma cave bem aprovisionadas. Logo no início pôs à cabeça deste pequeno armazém um homem da região que só a ele prestava contas. Pagava as provisões, cujo consumo fixou no estrito necessário. Posteriormente, foi ainda reduzido um pouco mais, mas até ao fim tivemos vinho e um pão de trigo de qualidade satisfatória em quantidades mais ou menos suficientes.* SHAT, MR 921, f. 914.

⁹⁵ Correspondência para Savary, 27 de Outubro, *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. 305.

⁹⁶ Na retirada que se inicia em Março, o exército evacua todos os doentes dos hospitais, deixando para trás apenas 5 moribundos cujo estado não permite a deslocação. *Idem*, 4 de Março, p. 332

⁹⁷ Pelet diz ter recebido esta informação de Masséna, a 23 de Fevereiro, que tinha pedido um mapa de situação que apenas compreende os homens em armas. Pelet, *Notes... art. cit.*, p. 330

⁹⁸ SHAT, C 7, cx. 11, correspondência de Masséna para Junot, de 13 de Janeiro de 1811.

⁹⁹ O autor da *Relation de quelques événements... op. cit.* relata vários crimes de extrema violência cometidos pelos soldados franceses, nomeadamente o assassinio de duas crianças, uma é esquartejada, à outra é-lhe torcido o pescoço, ou ainda a tortura de um velho que se recusa a indicar o esconderijo do ouro e da prata.

exército pouco tem a ver com o que entrou triunfante em Portugal dez meses antes; o duque de Ragusa refere nas suas memórias a *indisciplina das tropas, o desprezo pela autoridade, o descontentamento universal, e um desejo imoderado dos generais de regressarem a França, uma artilharia completamente destroçada e desprovida de munições, uma cavalaria reduzida a praticamente nada e em mau estado, a infantaria diminuída de quase metade*¹⁰⁰. Como foi possível chegar a tal situação? A resposta deve-se procurar no modo como se preparou e desenrolou a campanha, que revela uma insuficiência de meios humanos e financeiros e no estado de espírito que reinava no seio das tropas estacionadas em Espanha, do qual Napoleão não se apercebeu ou não se quis aperceber.

Conclusão

Napoleão gere a 3ª invasão com uma certa ligeireza. Fiando-se nos mapas de situação, sempre sobrestimou o número de soldados que compunha o Exército de Portugal, a apesar dos protestos de Masséna, que se queixava de falta de tropas, nomeadamente para cobrir a retaguarda do exército uma vez entrado em Portugal e para manter uma presença na zona que ia desocupar, determinante para assegurar as comunicações com Espanha e daí com Paris. Corte que efectivamente se verificou, e a partir de Coimbra Napoleão passará a receber notícias do exército de Portugal por intermédio dos jornais ingleses¹⁰¹. O relato oficial da batalha do Buçaco é interceptado pelas milícias, e publicado no *Morning Chronicle*, a 26 de Novembro de 1810, conjuntamente com um outro documento apreendido a um correio, que para iludir a vigilância portuguesa se disfarçou de espanhol, e que tinha recebido instruções verbais para solicitar um reforço de 40 mil homens¹⁰². Para Napoleão, Masséna dispunha mesmo de um excesso de forças!

O desprezo demonstrado por Napoleão relativamente ao valor das tropas portuguesas, que tinha em pouca consideração, e que nos seus cálculos sobre a força do exército combinado pouco contavam¹⁰³, e a convicção da supremacia dos seus experientes soldados face ao exército combinado, levam-no a minimizar as dificuldades da empresa, seguro que a glória adquirida nos campos de batalha europeus seria suficiente para se assenhora do reino luso. Mas Portugal é uma outra Europa, desconhecida e incompreendida pelas tropas de Masséna apesar de nelas estarem integrados soldados que tinham participado nas duas anteriores invasões, para além de portugueses, nomeadamente o marquês de Alorna e o general Pamplona. Tropas que apenas querem ver a opressão exercida pelos ingleses sobre os portugueses e uma população aterrorizada, combatendo quem os vem libertar de tão horrível tirania! Perspicaz, bom observador, Lagarde revela mais uma vez ter uma admirável percepção da situação, vendo por detrás do “fanatismo” português algo mais do que o simples medo dos ingleses: *A desertificação tão completa dos habitantes em qualquer lugar que nos*

¹⁰⁰ *Mémoires du maréchal duc de Raguse ... op. cit.*, p. 35.

¹⁰¹ O correio que levava a Masséna o ofício de Berthier de 19 de Setembro já não consegue passar.

¹⁰² AN, IV AF 1626*.

¹⁰³ Napoleão estimava as tropas inglesas em 25 mil homens, e as portuguesas em 15 a 20 mil, das quais a maior de milícias. O que não representava, segundo ele, uma força capaz de se impor a Masséna. Ofício para Drouet d'Erlon, de 9 de Novembro de 1811. AN, IV AF 1626*.

apresentemos e várias léguas em redor, é uma característica particular desta guerra e uma invenção digna da Inglaterra, que a ordena sob pena de morte, e do delírio dos portugueses. Contudo os Ingleses estando apenas num lugar e sendo 25 mil ao lado de 2 milhões e meio, e o resultado é em todos os lugares o mesmo, é difícil não reconhecer uma vontade nacional e uma aversão profunda contra nós. Sem isto, um povo arruinar-se-ia a si próprio para aniquilar o inimigo?¹⁰⁴ Mas, Lagarde constitui uma excepção a esta dificuldade em aceitar que o nacionalismo exista noutros povos, como se fosse uma característica exclusiva do francês. Nacionalismo que também começa a despontar na outra ponta da Europa.

Napoleão reconhecerá *a posteriori* o erro de ter enviado Masséna a Portugal e a doença que o marechal tinha invocado para se escusar à campanha portuguesa¹⁰⁵. Contudo, em inícios de Abril, altura em que Masséna já regressou a Espanha, Napoleão não parece ainda disposto a passar-se dos seus serviços, afirmando a Pelet, a 6 de Abril, que *se tivesse apenas em conta o interesse imediato, chamá-lo-ia, mas quero conservar o mais belo nome militar do meu império. (...) É sem dúvida a sua última campanha*¹⁰⁶. O que fez então Napoleão mudar tão repentinamente de parecer, dado que o ofício de destituição tem a data de 20 de Abril? Certamente o desempenho de Masséna na batalha de Fuentes de Oñoro, dado que o ofício de destituição não lhe foi directamente remetido, mas ao general Bessières. Este recebeu-o acompanhado por uma nota, datada de 21, na qual se lhe dava carta branca para julgar a oportunidade do momento de entregar o ofício ao marechal¹⁰⁷. Béchet de Léocour refere-se ao almoço que Masséna, envolto numa grande apatia, se fez servir em pleno campo de batalha enquanto as tropas se impacientavam pelo sinal de ataque¹⁰⁸. A substituição de Masséna por motivos de saúde parece ter sido aceite pelo Paris da época¹⁰⁹.

Quando Napoleão compreende que Masséna não entrará em Lisboa muda de estratégia. As directivas dadas ao general Foy, enviado a Paris para dar a conhecer a situação do Exército de Portugal e pedir directivas, vão no sentido de prolongar o mais possível o bloqueio dos ingleses em Lisboa. Pretende-se com isso levar o Parlamento inglês e a opinião pública a reagir contra a campanha em Portugal, de modo a que o governo fosse obrigado a retirar as tropas da Península. A retirada só deveria ser realizada quando as posições ocupadas pelo exército estivessem completamente esgotadas. Nesse caso, o exército deveria retirar-se sobre Coimbra. São estas as ordens que Masséna cumpre escrupulosamente, e que levarão ao clímax do conflito com Ney. Por outro lado, e dada a insuficiência numérica do Exército de Portugal, o sucesso da campanha dependia do auxílio que o 5º Corpo de Soult pudesse lhe dar pela margem esquerda do Tejo. Apoio anunciado nas ordens de Berthier mas nunca concretizado pois Soult estava ocupado com o cerco

¹⁰⁴ Correspondência para Savary, 27 de Outubro, *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. 302. O mesmo Lagarde observa que os portugueses são muitos raros entre os desertores que chegam ao campo francês, que são sobretudo ingleses e alemães.

¹⁰⁵ *Se Masséna fosse ainda o que tinha sido outrora, teria seguido Wellington passo a passo, e encontrado meio de o atacar quando entrava nas Linhas, e antes de ter ocupado uma posição vantajosa.* Barry O'Meara, *Complément du mémorial se Saint-Hélène, Napoléon en exil, relation contenant des opinions et des réflexions de Napoléon sur les événements les plus importants de sa vie, durant trois ans de sa captivité*, t. II, Paris, Béchet, Lecoinsie et Durey, 1824, 4^{ème} édition, p. 396.

¹⁰⁶ Pelet, *Mémoires... op. cit.*, p. 536.

¹⁰⁷ *Idem.*, nota 776, p. 619.

¹⁰⁸ Béchet de Léocour, *Souvenirs... op. cit.*, p. 378.

¹⁰⁹ Masséna foi chamado a Paris porque a sua saúde se deteriorou de tal modo que lhe era fisicamente impossível desenvolver maior actividade para repor o exército em estado respeitável. Louis Antoine Fauvelet de Bourrienne, *Mémoires de M. de Bourrienne, ministre d'état sous Napoléon, le directoire, le consulat, l'empire et la restauration*, t. IX, H. Taulier et A. Wahlen, 1830, p. 19.

de Badajoz¹¹⁰. Apoio no qual aliás Masséna nunca terá acreditado, dado a rivalidade existente entre os dois marechais. Nestas condições, é o exército de Portugal que serve de apoio ao da Andaluzia, bloqueando o exército combinado em Lisboa e impedindo-o de auxiliar as tropas espanholas no cerco de Badajoz. O que levará Pelet a retorquir a Napoleão: *Sire, vós haveis tomado uma cidade (Badajoz) mais vós haveis perdido um reino*¹¹¹. De qualquer modo, Espanha e Portugal tinham passado para um plano secundário na mente do Imperador, cuja grande preocupação é agora a Rússia.

A questão das subsistências, aliada à falta de transportes, desempenha um papel central na 3ª invasão francesa. Questão que resulta da estratégia da administração napoleónica em fazer viver as tropas nas terras que atravessam, o que proporciona ao exército um avanço no terreno extremamente rápido mas que também apresenta enormes desvantagens quando as regiões são pobres. O próprio Masséna afirmará que o resultado da expedição depende dos víveres, e o nosso lúcido Lagarde acrescentará que *nelas é necessário procurar a explicação do que foi feito desde há quatro meses e o segredo dos acontecimentos futuros, quaisquer que eles sejam*¹¹². Anedótico sem dúvida, mas a que ponto ilustrador da fome passada pelo exército francês em Portugal, a história do soldado que chegou a Espanha com 17 libras de pão até se sentir saciado¹¹³. Todos os testemunhos concordam no aspecto desolador da região após a retirada do exército, que o clarividente Lagarde bem compreendeu que levará anos a recuperar e a poder voltar a alimentar um exército. A pilhagem desenfreada ou a luta pela sobrevivência, segundo o ponto de vista em que nos coloquemos, devastou as regiões mais ricas do país, comprometendo por vários anos o seu futuro. Mas fez também soprar um vento de mudanças nos campos, nomeadamente nos impulsos ao desmantelamento das estruturas de Antigo Regime.

A campanha portuguesa está longe de orgulhar os soldados franceses que nela participaram, tendo talvez por isso sido relegada para os confins da memória, menos pela vergonha da derrota do que pela interiorização do sofrimento físicos e do trauma psíquico que provocou tanto mais que a campanha em nada se assemelhou ao modo tradicional de fazer a guerra. Campanha que o general Marchand tão bem soube caracterizar: *Estamos longe de fazer a guerra: esta instituição já de si deplorável transformou-se aqui em banditismo e é provável que os bandos de Mandrin e Cartouche fossem gente mais brava do que nós: assim, longe de nos glorificarmos com qualquer bela acção, devemos antes envergonharmo-nos das atrocidades que se cometem. A nossa única ocupação é procurar víveres sem qualquer objectivo razoável*¹¹⁴. Outros, mais fatalistas, dirão: *Foram sem dúvida cometidos grandes excessos nas nossas excursões, um grande número de famílias portuguesas foram vítimas desta maneira de se aprovisionar; mas na nossa posição não éramos senhores de escolher uma outra*¹¹⁵.

¹¹⁰ Segundo Pelet, Masséna, ao receber a notícia do apoio que Soult lhe deveria dar, teria de imediato declarado que este nunca viria. Pelet, "Notes... art. cit.", p. 328.

¹¹¹ *Idem, ibidem*.

¹¹² Correspondência para Savary, 15-20 de Janeiro, *La Mission de Lagarde... op. cit.*, p. 311.

¹¹³ Thiébault, *Mémoires... op. cit.*, p. 454.

¹¹⁴ Correspondência de Marchand para a esposa, de 28 de Fevereiro de 1811. AN, 275AP3.

¹¹⁵ Béchet de Léocour, *Souvenirs... op. cit.*, p. 357.